

A Posição do Cavaleiro

A. ANCORA
Capitão de Cavalaria

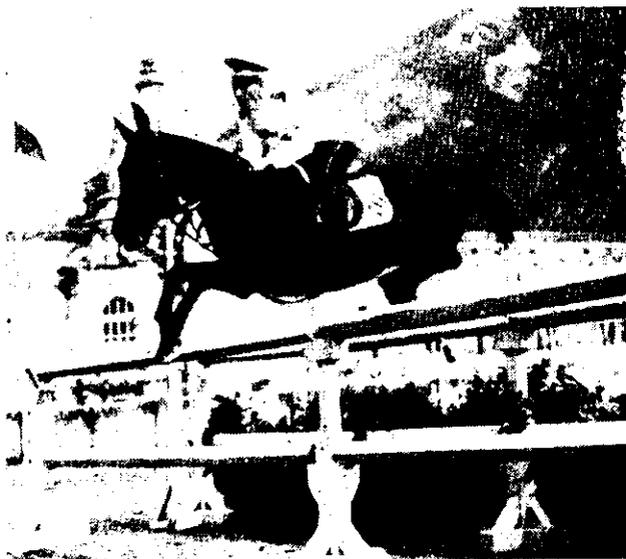
Em todas as épocas, tem sido esse tema muito discutido sem que a uniformidade tenha sido alcançada, porque cada qual deseja esse desideratum, com a condição de só ele não transgriir.

Para nós, há, realmente, duas coisas essenciais e indiscutíveis: fixidez e flexibilidade, porquanto sem elas nada é possível. Fora disso, só vemos a naturalidade que é a consequência lógica.

Quem já montou cavalos de aplicações diversas: alta equitação, dárms, de concurso e steeple-chase, não contesta que, para tirar de cada um o maior rendimento, é necessário colocar-se o cavaleiro na sela numa posição adequada ao gênero da equitação praticada.

O láto equestre, sendo a percepção rápida do equilíbrio do cavalo, do grau de sua impulsão e da ação justa, não admite outra conclusão diversa da que foi tirada.

Admitamos um cavalo galopando com a velocidade de 500 metros por minuto, tendo um cavaleiro sobre seu dorso e seremos logo levados a justificar que, para deixar à sua montada maior liberdade do pescoço e da região lombar, busque o montador a região do garrote, que é a mais fixa do sistema e que lhe permite, portanto, manter-se na sela com menos esforço. Agora, ao contrário, se o animal tem movimentos lentos, compassados e curtos, se se conserva normalmente encurvado ao longo da espinha dorsal e, consequentemente, seus posteriores trabalham sempre debaixo da massa, só existe para o cavaleiro uma posição: é sentado na sela, sentindo com as nádegas os menores movimentos dos posteriores.



Um belo salto feito no Club Hípico da Praia Vermelha

Não vamos entretanto opinar pelo "monte como quizer", não, é necessário ditar-se uma que sirva de base aos que começam e esta pôde e deve ser a do meio, isto é, a empregada mais comumente e, afinal, a de maior utilidade. O cavalo de tropa ou, para generalizarmos, o de transporte não atinge aos movimentos extremos do de steeple nem do de alta equitação, entretanto, é capaz de produzir andaduras curtas e largas e é, portanto para montá-lo que devemos, hoje, indicar a posição do cavaleiro.

Foi por onde começamos e, felizmente, nunca tivemos maiores dificuldades para alcançarmos os nossos sucessos senão as de vêr, observar, concluir e treinar. Não é necessário ter-se usado casaca ao nacer para saber-se usá-la quando a idade e o momento o exigirem.

O nosso R. Eq. trata de um modo indiscutível a posição do cavaleiro a cavalo; só os que fazem das polemicas um esporte é que poderão vir procurar falta de clareza onde há transparência.

Lido com atenção, percebe-se que o regulamento não manda crear uma fórmula para meter-se o cavaleiro; o que faz, e com grande acerto, é dar as indicações mais preciosas para que o cavaleiro fique bem colocado na sela. Enuncia como devem estar certas partes do corpo para que o conjunto esteja bem.

Vejam os que nos diz e porque.

O olhar dirigido para a frente, vendo o terreno longe. Disso resulta a cabeça direita, elevada e desembaraçada. Cavaleiros há que têm o habito de olhar para baixo e, como consequência, ficam com a cabeça caída para a frente e o alto da espinha, portanto, desaleadamente encurvada.

Os punhos — separados cerca de um palmo um do outro, com as unhas se defrontando, no prolongamento dos ante-braços e um pouco acima do cepilho. A consequência é ficarem os cotovelos para dentro, ou melhor, no plano braço-ante-braço, naturalmente aproximados do corpo, os braços no mesmo plano

das costas, caídos naturalmente, os ombros naturalmente de-cidos e deixando o peito saliente, sem afetação. Cavaleiros há que têm o grave defeito de volver as unhas para baixo e, por isso, ficam com os cotovelos feito azas de assucareiro, os ombros torcidos para a frente e uma ridicula muchila nas costas; outros, ainda, colocam as mãos junto à barriga e ficam com os braços como as pernas de um gafanhoto.

As nádegas — bem para a frente e sob o cavaleiro, suas pontas no fundo da sela. Resulta daí a boa direção das coxas (para a frente e para baixo) e do corpo que fica na vertical com os rins flexíveis. Cavaleiros há que montam com as nádegas para traz na sela, o que os leva a ficar com o alto do corpo caído para a frente e as coxas demasiadamente decididas. Outros, exagerando a indicação regulamentar, sentam-se para a frente, pelo que ficam com as coxas quasi na horizontal! e o corpo encurvado.

Os joelhos — voltados para dentro, aderentes à sela e com sua articulação bem livre, o que obriga as coxas a aderirem à sela de chapa e a perna a cair naturalmente. Os cavaleiros que se escoram sobre os estribos ficam com os joelhos tolhidos em seus movimentos de flexão.

Os pés — quando os estribos calçados, devem estar a 1/3 da ponta, tendo os calcanhares mais baixos e, quando sem estribos, com as pontas caídas.

Aí estão as suas indicações e as suas razões. Entretanto, ainda não se contenta o R. Eq. com isso e nos adianta em seguida que essa posição é suscetível de ser mudada pela necessidade de se estar sempre com o cavalo, isto é, em sistema com ele; para o galope de carga, por exemplo, manda inclinar o corpo para a frente e enterrar os pés nos estribos.

Descrita a posição fundamental, passemos a estudar como se chega a ela.

É necessário colocação e fixação para que o cavaleiro se mantenha na posição recomendada. São duas fases da aprendizagem que, sem terem fronteiras intransponíveis, se caracterizam perfeitamente porque pensamos que ninguém achará muito logico ficar errado para endireitar depois. A colocação precede à fixação.

A colocação se obtém pelos flexionamentos de braços e pernas executados corretamente, primeiro parado, depois ao passo e trote curto e, finalmente, ao galope, sempre sem estribos. Nas primeiras sessões, devem executar-se apenas os flexionamentos da parte superior do corpo e para suprir a falta de elevação das coxas, que coloca os rins, o cavaleiro, de quando em quando, pega no cepilho e, com esse auxilio, assenta bem para a frente na sela.

Todavia, é preciso esperar-se do tempo o que só ele pôde dar. Nada adiantaria, pelo contrario, executarem-se todos os flexionamentos logo no primeiro dia e, a partir daí, diariamente durante todo o tempo de trabalho. Seria a fadiga e a contração, inicialmente, e o relaxamento muscular, posteriormente; as massas musculares devem ser relaxadas para serem adaptadas, guardando, porém, a semi contração.

A fixação se alcança pelo prolongamento dos tempos de andaduras, sobretudo do trote e galope pelas mudanças de direção executadas nas diferentes andaduras e pela ginastica do salto e salto de obstaculo.

A ideia de precedencia enunciada não acarreta a exclusão de concurrencia, pois facil é comprehender-se que quem está montado a cavalo está naturalmente se fixando. A intensão da separação é a de obter uma execução ebricada antes da pura execução.

Realcemos, mais uma vez, que a posição aconselhada em rigor pelo regulamento só pôde ser exatamente mantida parado, ao passo, trote e galope curto e com um animal regular nos seus movimentos; já citámos uma das alterações que pôde ela sofrer e é o suliciente, uma vez que afirmamos que a pedra de toque de todas as posições inventadas ou a inventar é o "estar o cavaleiro com o seu cavalo".

A moda tem sua influencia sobre os cavaleiros, mas é necessário que, sem desprezá-la, nos lembremos que ela se transforma e, com a mesma facilidade com que glorificou os seus adeptos, levá-los-á ao ridiculo, si tentarem quier envelhecê-lo. Ela não envelhece, é sempre outra e constantemente nova. Ela só suspeita a fixidez e a flexibilidade, porque estas são os reais sustentaculos do cavaleiro.

Dentro de um mostruario das posições do cavaleiro a cavalo, o nosso exame obedece as condições de emprego de tal ou qual posição: conforto, elegancia, emprego preciso das ajudas naturais e rendimento. E, por essa razão, é que não brigamos até hoje com todos os que tem suas razões para montar assim ou assado.

Nas nossas turmas, indicamos a estrada em marchamos sem olhar para trás, certos de que no fim estamos todos semelhantes. O resultado é o argumento indiscutível do valor da nossa execução.

Montemos como nos indica o R. Eq. e seremos cavaleiros para galoparmos "bota a bota" com a grande senhora de todos os tempos — A Moda.

A pé só pela dura necessidade de abrir caminho para continuar a cavalo.